

O golpe de Estado algorítmico



Por **BENITO EDUARDO MAESO***

Em nome do lucro, hasteia-se a bandeira bizarramente distorcida do conceito de liberdade de expressão

1.

A conjuntura: dias antes, o CEO da Meta (empresa proprietária do Instagram, Facebook e WhatsApp) anuncia publicamente o afrouxamento das políticas de checagem de informação em suas redes, afirmando também que o mundo carece de “energia masculina” e dando uma guinada ideológica de alinhamento ao novo governo Donald Trump e às pautas de extrema direita no mundo.

A Advocacia-Geral da União pede explicações aos representantes da empresa no país, salientando que tal postura da empresa apresenta dano potencial à preservação dos direitos de minorias étnicas, sociais e de gênero. O escritório da empresa no Brasil responde protocolarmente que os direitos serão preservados.

O fato: em menos de 24 horas, um vídeo de um deputado de extrema direita brasileiro recebe mais de 150 milhões de visualizações no Instagram, cerca de três a quatro vezes o número de acessos diários à rede a partir de endereços de IP brasileiros. O material é cheio de informações falsas sobre uma suposta taxação do Pix, mecanismo de transferência de valores muito popular.

O resultado: o assunto rompe a bolha das redes e passa a ser discutido abertamente no mundo *off-line*. A velocidade e o volume de propagação das informações distorcidas foram tão grandes que, estrategicamente, somente restou ao governo brasileiro recuar na proposta de combate à sonegação que originou as mudanças na forma de processamento do Pix, sob promessas de “melhorar a comunicação” com as pessoas e ameaças de processo criminal contra as e os difusores das *fake news*.

Todo este caos que gerou um forte desgaste do governo entre parte da opinião pública soa como uma declaração de guerra dos quatro cavaleiros do apocalipse informacional (X, Facebook, Instagram e WhatsApp) contra qualquer país ou instituição que apresente propostas de regulação para a obtenção de mais-valia psíquica e informacional. Como de hábito, a cruzada imperialista para a exploração das pessoas precisa de disfarces palatáveis ao público.

Em nome do lucro, hasteia-se a bandeira bizarramente distorcida do conceito de liberdade de expressão. Não se duvide que, no futuro próximo, esse conceito *fake* substituirá a propalada e desgastada “defesa dos direitos humanos” como justificativa para os EUA invadirem militarmente países e garantirem um gordo faturamento a seu complexo empresarial.

Se em outras áreas o capitalismo soube se disfarçar sob o manto do progresso e da tão falada civilização, sua vertente neoliberal informacional não tem pejo de se mostrar na sua face mais selvagem, no melhor estilo “terra-sem-lei” dos filmes

de banguê-banguê, onde quem saca mais rápido a informação distorcida fere de morte o inimigo.

Neste sentido, é quase uma tautologia supormos que o caminho até 2026 e depois será de guerra constante entre o complexo informacional dos EUA e as instituições brasileiras, em mais um capítulo da guerra híbrida a que somos submetidos, no mínimo, desde 2013. O fato novo é a postura belicosa e escancarada pró-intervenção direta das *big techs* e de seus *criminal masterminds* no processo político e social brasileiro.

2.

Porém, alguns fatores precisam ser interpelados de frente para entendermos as ameaças subjacentes a este processo. É bastante plausível – e já ocorreram casos no passado, notadamente em 2016 – que a Meta tenha, por meio de direcionamentos algorítmicos, “incentivado” as visualizações do vídeo em questão. Muitas pessoas que não seguem o tal deputado ou desconhecem sua existência receberam o vídeo diretamente ligado ao perfil deste político. Todavia, este procedimento, isoladamente, não resolve todo o enigma.

Há algum tempo já é possível afirmar que aquilo que erroneamente chamamos de *fake news* não se restringe à desinformação, à notícia falsa ou à boataria, constituindo-se em um modo de vida [\[1\]](#) caracterizado pela dissolução das fronteiras epistêmicas e ético-políticas entre verdade e falsidade, construindo uma compreensão da realidade na qual somos agentes e pacientes simultaneamente.

O *fake* tornou-se o concreto, possuindo dimensão material e efeitos na chamada realidade, desnudando algo que já estava presente no cotidiano: o ressentimento latente, o medo generalizado, a antipolítica e a mentalidade de competição de todos contra todos. Isso impacta não apenas a vida de quem, de certa forma, escolhe ou é levado a escolher abraçar esta realidade paralela, mas todos os processos sociais e a vida de todos os integrantes dos círculos relacionais nos quais esta pessoa se insere.

A informação e a visão de mundo tidas como falsas (por não corresponderem aos fatos) tornam-se o próprio índice de verdade em si, uma verdade construída sem necessidade de correspondência completa aos dados e que passa a ter valor absoluto para quem a abraça, o que, no limite, chega a abarcar o próprio conceito do real e sua compreensão deste. A pessoa que adota o discurso e a prática cínica não percebe (ou escolhe ignorar) a dissonância cognitiva existente entre sua visão de mundo e os processos que ocorrem na realidade. Isso é chamado, por Theodor Adorno e Marilena Chaui, de cinismo.

Como exemplo, para um/a terraplanista, fatos ocorrem e se explicam metodologicamente como se o planeta fosse plano, independentemente do consenso científico e das explicações corroboradas em sentido contrário à crença deste sujeito. Numa subversão solipsista do método cartesiano, o fato da pessoa pensar tal absurdo dá a ela a convicção que, pelo fato de poder ter sido pensado, há Verdade no pensado. Ou, ainda, o indivíduo cínico pode até ter consciência do alcance de seus atos, mas deliberadamente prefere não se importar com isso ou se esconder sob o dístico de “apenas cumprir ordens” em nome de uma universalidade fictícia ou uma coerência de superfície entre ação e pensamento.

Agora, o que esta névoa entre a verdade e a falsidade tem a ver com o neocolonialismo informacional e a pretensa tolice das pessoas em acreditar em informações sem pé nem cabeça e não conferirem o que recebem? Dois fatores se sobressaem neste processo: a existência de viés de confirmação prévio àquelas informações e algo que podemos chamar de índice emocional da verdade.

No primeiro caso, as pessoas tendem a aceitar como verdadeiras as informações às quais já possuem alguma familiaridade

ou que ressoam suas crenças prévias sobre o tema em questão, tornando-se especialmente incisivas nas estratégias inconscientes de persuadirem as e os demais. Somando-se a isso um estudo da revista *Science* que apurou que uma informação distorcida tem potencial e velocidade de compartilhamento até 100 vezes maior do que uma informação verdadeira, é simples constatar que o volume de compartilhamento sobe exponencialmente se alguma coisa da notícia já está pré-validada pelo receptor e potencial emissor, principalmente se ataca um “inimigo” deste emissor – e, na guerra santa da direita bolsonarista contra a “ameaça vermelha”, só o fato de compartilharmos o mesmo oxigênio que eles coloca um alvo bem chamativo em nosso peito.

Já o índice emocional da verdade pode ser entendido como a relação emocional prévia não com o conteúdo da informação, mas com a pessoa emissora. Você pode até saber que sua tia compartilha notícias falsas no grupo de *WhatsApp* da família, mas é sua tia, faz um café bom, etc., e você deixa barato, deixando inclusive de corrigi-la. Outros parentes balançarão mais, pensando “será que ela está tão errada assim?” e isso cria um ambiente favorável, no mínimo, à aceitação de parte da história. Junta-se a isto a sensação de “dono da verdade” e de se sentir especial que habita a mente de uma pessoa propensa a cair em *fake news* (ela sabe a “verdade”, o resto do mundo não) e está dada a receita para um desastre informacional sem precedentes.

Logo, o que fez a notícia descabida sobre o PIX prosperar, além de um cálculo político bem pensado da oposição e *a little help from their friends* das empresas de tecnologia e redes sociais, alinhadas à extrema direita mundialmente? O medo gerado pela informação distorcida.

Os golpes de Estado contemporâneos não precisam de “um cabo e um soldado”, mas da manipulação da percepção da realidade de uma população inteira com base em estímulos emocionais. Sob a égide do medo, as pessoas abdicam da liberdade em prol da segurança, e não se incomodam em ser oprimidas desde que possam transferir a carga de opressão recebida para alguém mais “fraco” – ou seja, também querem a chance de oprimir.

Querem crer no falso por ser mais palatável que o verdadeiro, ou mais estimulante que este. Querem crer, mesmo que não saibam que querem, pois isso proporciona satisfação psicológica a elas. Amam ter medo, amam ter prazer – e isso se confunde.

3.

Os *moguls* das redes sociais entendem como ninguém como esta operação psicopolítica funciona, pois é desta economia pulsional que retiram sua mais-valia assombrosa. Agora, assim como os burgueses fizeram com os aristocratas na passagem entre a Idade Média e a Idade Moderna, parece terem se cansado de “apenas” exercer o poder econômico e político definindo os fluxos monetários, desejando no presente tanto o culto à personalidade como a organização das estruturas políticas e sociais à sua imagem e semelhança, sem a máscara de um estado pretensamente impessoal a dificultar sua glorificação.

Combater este aparato digital – mas, principalmente, este modo de vida no qual tanto os megaempresários do ramo como o cidadão comum se compreendem como os protagonistas de suas próprias histórias, aqueles que, com sua presença, fazem a diferença no mundo (e outros jargões neoliberais meritocráticos) – persistindo apenas em ferramentas analógicas como o ingênuo apelo à racionalidade da política e da vida social, ao dever moral dos seres humanos em agir categoricamente e outras platitudes carregadas de esperança, mas completamente desajustadas da vida real, somente resultará em uma varrida sem precedentes nos próximos anos.

A lei precisa ser utilizada em toda a sua força, é claro, mas sem uma operação que funcione no mesmo terreno – o pulsional – podemos até ter a certeza de que a verdade factual está do nosso lado, mas receberemos em troca a manjada frase “isso é só a sua opinião”.

Isso não é um problema de comunicação da esquerda ou do governo, ainda que tenha havido deslizes no processo. É uma questão de que este modo de vida *fake* é a realidade em que vivemos hoje, uma realidade na qual até mesmo as lutas sociais agem pelo princípio universal da concorrência de todos contra todos, no qual o medo é estimulado para maior controle social. Sem decifrarmos o funcionamento e as possibilidades desta esfinge, é certo que seremos devorados por ela.

***Benito Eduardo Maseo** é professor de filosofia no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Autor, entre outros livros, de *As diferenças em comum: Deleuze, Marx e o agora* (Appris).

Referências

ADORNO, T. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo, Unesp, 2019

ADORNO, T. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo, Unesp, 2020

CHAUÍ, M. *Contra a servidão voluntária*. Escritos v.1. Belo Horizonte, Autêntica, 2013

_____, *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Escritos v.2. Belo Horizonte, Autêntica, 2014

_____, *Sobre a Violência*. Escritos de Marilena Chauí v.5. Belo Horizonte, Autêntica, 2017

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo, Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. São Paulo, n-1, 2018

HAN, B-C. *Psicopolítica*. São Paulo, Ânyé, 2020

MAESO, B. *O Fake: o que é isso? E por que vivemos nele?* Curitiba, Platô, 2024

Notas

[1] Como abordo em recente livro chamado *O Fake*.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA